

Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA)¹

Gabriela Souza Cotrim

Carla Silva Fiaes

Reginalice de Lima Marques

Ilka Dias Bichara

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Resumo: Com o crescimento dos grandes centros urbanos, os espaços públicos passaram a ser considerados locais inadequados e perigosos para as crianças e suas atividades lúdicas. O presente trabalho investigou como as crianças se apropriam dos espaços públicos na cidade de Salvador. Os dados foram obtidos por meio de registros fotográficos de eventos de brincadeira em quaisquer partes da cidade onde fossem encontradas crianças brincando. A coleta de dados aconteceu em dias diferentes, sendo em média realizados nos horários previamente constatados como de maior frequência de crianças. Registraram-se 21 eventos de brincadeiras, sendo 19 desenvolvidos em grupos de meninos e 2 em grupos mistos. Na análise dos dados, optou-se pelo uso combinado do método quantitativo e qualitativo. Este trabalho mostra que o uso que as crianças fazem da rua se diferencia por gênero e classe social.

Palavras-chave: brincadeiras infantis; espaços urbanos; apropriação; ressignificação; desenvolvimento.

URBAN SPACES TO (AND OF) PLAY: AN EXPLORATORY STUDY IN THE CITY OF SALVADOR (BA)

Abstract: With the growth of large urban centers, public spaces have become places considered unsuitable and dangerous for children and their recreational activities. This present study had investigated how children appropriate public spaces in Salvador's city. These data was obtained through photographic records of play events in any places of city where was find children playing. The data's collection happened in different days, being almost always made in time that exist more children in the street. Were registered 21 play events, 19 in boys groups and 2 in mixed groups. In the data analysis was opted about use combined of qualitative and quantitative methods. This study shows that the children's use of street has gender and social class difference.

Keywords: children's play; urban spaces; ownership; meaning; development.

ESPACIOS URBANOS PARA (Y DE LOS) JUEGOS: UN ESTUDIO EXPLORATORIO EN LA CIUDAD DE SALVADOR (BA)

Resumen: Con el crecimiento de los grandes centros urbanos, los espacios públicos pasaron a ser considerados lugares inadecuados y peligrosos para los niños y sus actividades lúdicas. El presente trabajo investigó como los niños se apropian de los espacios públicos de la ciudad de Salvador. Los datos fueron obtenidos a través de registros fotográficos de juegos en cualquier parte de la ciudad donde se encontraran jugando los niños. La colecta de los mismos se hizo en diferentes días, siendo normalmente realizada en los horarios en los que se constató que había más niños en las calles. Se registraron 21 juegos, siendo 19 desarrollados por grupos de niños y 2 grupos mixtos. En el análisis de los datos se optó por el uso combinado de técnicas cuantitativas y cualitativas. El trabajo muestra que el uso que los niños hacen de la calle se diferencia por género y clase social.

Palabras clave: juegos de niños; espacios urbanos; apropiación; significación; desarrollo.

¹ Trabalho realizado com apoio do CNPq e FAPESB.

Introdução

A franca ascendência dos processos de industrialização e urbanização dos grandes centros urbanos teve como consequências o crescente número de veículos nas ruas, transeuntes, assim como o aumento da violência e insegurança nas cidades. Dessa forma, os espaços públicos, que outrora eram considerados espaços sociais e que faziam parte do dia a dia das crianças, passaram a ser considerados inadequados e perigosos. A rua passou a ser percebida como um lugar de passagem, de perigo e de proibição (MEKIDECHE, 2004).

Nesse sentido, as crianças têm sido cada vez mais levadas a frequentar espaços especialmente construídos por adultos, em um processo que constitui a sua exclusão dos espaços públicos e consequente inserção em espaços institucionais (ELSLEY, 2004; MEKIDECHE, 2004).

Ao longo dos anos, o número de crianças nas ruas foi progressivamente reduzido, de forma que se tornou cada vez mais difícil encontrá-las na cidade. Não obstante, em muitos países as crianças constituam grande parte da população e também tenham o direito de frequentar as ruas, há um interesse reduzido por parte dos responsáveis pelas políticas públicas de organização dos espaços das cidades em inserir as crianças nesses ambientes (MEKIDECHE, 2004).

Em um estudo realizado por Elsley (2004), com base na análise de entrevistas com crianças, constatou-se que, apesar de elas reconhecerem a utilidade e oportunidade das áreas formalizadas para elas, percebe-se um fosso entre o que elas realmente desejam e a provisão existente. Há um desencontro de pontos de vista entre adultos e crianças em relação à utilização dos espaços públicos por elas, de forma que os adultos temem aspectos como violência urbana, possível ameaça de outras pessoas, tráfego intenso, entre outros fatores.

Rasmussen (2004), com base na observação de atividades infantis em espaços públicos variados, chamou de “espaços para crianças” (*places for children*) aqueles planejados e estruturados pelos adultos e de “espaços das crianças” (*children's places*) aqueles apropriados por elas. A autora relata que, mesmo em um espaço para crianças, existem áreas escolhidas, apropriadas e ressignificadas por elas, transformando-se em espaço da criança.

A relação entre ambiente e brincadeira vem sendo estudada por diversos autores. Segundo Lordelo, Carvalho e Koller (2002), contextos diferentes podem resultar em desenvolvimentos diferentes, bem como possivelmente em brincadeiras distintas. Em vista disso, a investigação desses ambientes pode contribuir para um maior esclarecimento da interação entre ambiente, desenvolvimento das crianças e suas atividades lúdicas.

O espaço físico, como um dos elementos desse ambiente, contextualizado e socioculturalmente definido, tem sido foco de estudos que comprovam a sua influência sobre o fenômeno do brincar. Segundo Bichara (2006), o espaço físico tem demonstrado ser uma variável importante na determinação da forma e do conteúdo das brincadeiras. Nesse sentido, diversas formas de organizar o espaço fornecem suportes para variadas formas de organização social. O espaço e sua relação com o fenômeno do brincar passam a ser, então, o foco principal de muitas pesquisas.

De acordo com Carvalho e Pontes (2003), os pais e os espaços institucionais oferecem às crianças de classe média brinquedos “educativos”, materiais artísticos e incentivo a atividades esportivas, constituindo ambientes essencialmente estruturados e dirigidos por adultos. Esses ambientes são predominantemente distintos dos observados em bairros periféricos de grandes centros urbanos e bairros de nível socioeconômico reduzido. Nestes, ainda é possível ver crianças brincando nas ruas em grupos de idades diferenciados, transformando sucatas em brinquedos e participando de brincadeiras tradicionais perpetuadas pela própria heterogeneidade das idades dos participantes e pelo espaço em questão.

Vale ressaltar que o acesso aos espaços abertos, à natureza e à liberdade no ambiente, assim como a possibilidade de brincar, externo ao contexto dos espaços institucionais, parece ter grande significância para a infância. Nesses lugares, é possibilitado às crianças manipular fisicamente e explorar o ambiente com intensidade, apartadas da vigilância e coerção dos adultos; descobrir desafios individuais, participar de brincadeiras em grupo e encontrar um refúgio das tensões dos relacionamentos interpessoais. Um lugar se torna próprio para crianças quando fornece bem-estar, é rico culturalmente, provê integração inserida em uma comunidade coesa e inclui parcela desejável de espaços indefinidos e acessíveis, espaços públicos ativos (ELLIS, 2004).

Os espaços públicos ainda têm sido locais fundamentais para crianças de um nível socioeconômico desfavorecido e que não possuem tantas atividades inseridas nos espaços institucionais como as crianças de nível socioeconômico médio e alto. Portanto, esses espaços possibilitam importantes oportunidades de lazer, interação, aprendizagem, entre outros, principalmente para crianças pobres moradoras de bairros periféricos que não dispõem de objetos para brincar nem espaços planejados (OKE et al., 1999).

Poucos, no entanto, são os estudos que têm se dedicado ao assunto, sobre como as crianças se apropriam de alguns espaços que originalmente não seriam destinados a elas como ruas, viadutos, terrenos baldios, becos etc.

Em busca de suprir algumas lacunas sobre a matéria, esta pesquisa, parte de uma pesquisa mais abrangente sobre espaços de brincadeiras, teve por objetivo investigar as modalidades de apropriação lúdica dos espaços públicos informais, realizadas por crianças da cidade de Salvador. Buscou-se ainda verificar como as características físicas desses espaços se relacionam com a ocupação e a delimitação do lugar para brincar, assim como caracterizar a brincadeira em espaços não previamente estruturados para elas.

Método

Participantes

Os participantes foram crianças de ambos os sexos, com idade estimada² entre 2 e 14 anos, escolhidas aleatoriamente, que se encontravam brincando, com ou sem a interferência de adultos, em locais não formais da cidade como avenidas, canteiros, terrenos baldios, entre outros.

² As idades foram estimadas pela aparência das crianças.

Situação

Os dados foram coletados em locais não formalizados para crianças na cidade de Salvador, como: canteiros centrais das avenidas Lucaia, Vasco da Gama e Ogunjá; Praça dos Três Reis Católicos; rótula de trânsito na Avenida Garibaldi; passeios de ruas; ruas da Federação, Brotas, Boca do Rio, Fim de Linha do Engenho Velho de Brotas; área adjacente ao aeroclube. Todos eles constituem locais inadequados para crianças por causa das condições de riscos que apresentam ao estarem próximos a avenidas de fluxo intenso de automóveis, canais e rios abertos, entre outros fatores.

Procedimentos

Os dados foram obtidos por meio de registros fotográficos de eventos de brincadeira em locais abertos, não formais, em quaisquer partes da cidade onde fossem encontradas crianças brincando. Para tanto, duas pesquisadoras saíam de carro pelas ruas da cidade e, ao verem brincadeiras ocorrendo, registravam os instantâneos, tendo o cuidado de manter uma distância tal que impossibilitasse o reconhecimento dos brincantes. No entanto, cuidou-se para que as fotos permitissem a identificação das formas de ocupação dos espaços urbanos, tipos de brincadeiras registradas, quantidade de crianças, gênero das crianças, entre outros fatores.

Inicialmente não houve delimitação a respeito dos locais não formalizados presentes nesta pesquisa, pois o intuito era justamente buscar onde esses eventos de brincadeira aconteciam, de forma a variar os roteiros a serem seguidos. A técnica da utilização de registros fotográficos foi também utilizada por outros trabalhos científicos realizados por pesquisadores como Rasmussen (2004) e Lee-Manoel et al. (2002).

A coleta de dados aconteceu em dias e horários diferentes, sendo em média realizada no fim da tarde (das 15 às 17 horas), previamente constatado como período de maior frequência de crianças, entre os meses de dezembro de 2007 e maio de 2008. Foram realizados 21 registros fotográficos de grupos de brincadeiras encontrados em quaisquer espaços como avenidas, canteiros, viadutos, entre outros.

Análise dos dados

Em razão das características dos dados encontrados nesta pesquisa, optou-se pelo uso combinado do método quantitativo e qualitativo. Os eventos de brincadeiras encontrados foram agrupados conforme o tipo de ação predominante, utilizando, para tanto, as mesmas categorias usadas por Morais e Otta (2003), a partir de uma combinação dos critérios de Parker (1984) e Piaget (1945), descritas a seguir:

- *Brincadeiras de exercício físico*: são brincadeiras com certa ideia de movimento, de cunho predominantemente motor, em que as crianças exercitam comportamentos diversos, com certo vigor físico.
- *Brincadeiras de contingência social*: envolvem revezamento social, aparentemente atreladas ao prazer associado à capacidade de produzir respostas contingentes, assim como responder contingentemente aos outros.

- *Brincadeiras de construção*: envolvem uso e combinações de materiais que são modificados para criar um produto novo.
- *Brincadeiras turbulentas*: envolvem duas categorias: as agonísticas, relativas à luta e perseguição e fuga; e testes de limite físico e social, que envolvem desafio físico ou provocação e zombaria.
- *Brincadeiras simbólicas*: são as que fazem de conta, nelas as crianças criam personagens, atribuem e representam papéis, tratam objetos como se fossem outros, atribuindo-lhe propriedades diferentes das comuns.
- *Brincadeiras com regras*: são normalmente os jogos ou as brincadeiras que envolvem regras, com ritualização de papéis, com representação de cenas predeterminadas, sendo, em geral, competitivos, entretanto existem formas em que podem ser brincados por apenas uma criança que, sozinha, atende às regras de sua brincadeira.

Assim, os dados sobre os eventos de brincadeira, passíveis de quantificação, foram dispostos em uma planilha do Microsoft Excel, onde puderam ser cruzados entre si. Qualitativamente, avaliaram-se os tipos de brincadeiras registradas, suas características e locais de ocorrência, a presença e participação de adultos, usos e adaptações dos espaços, tipos em cada local, além de gênero e idade dos brincantes.

Questões éticas

O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com isenção de consentimento informado baseado na Resolução nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), de 20 de dezembro de 2000, que prevê, no artigo 6º, que

o psicólogo pesquisador poderá estar desobrigado do consentimento informado nas situações em que: I - envolvem observações naturalísticas em ambientes públicos; [...] em que não há risco de violar a privacidade dos indivíduos envolvidos nem de causar a eles ou aos grupos e comunidades aos quais pertencem, qualquer tipo de constrangimento.

Resultados e discussão

Inicialmente, é necessário esclarecer que a quantidade de registros fotográficos não é equivalente ao número de eventos de brincadeira encontrados, ou seja, a quantidade de fotos, em geral, refere-se a instantâneos do fenômeno observado. Na tentativa de captar todos os aspectos relativos às diversas variáveis em estudo, fotografou-se o máximo possível cada evento observado. Porém, para fins de análise, foi escolhida uma foto representativa de cada evento de brincadeira. Os dados foram analisados tendo como unidade de análise a foto que representasse da melhor forma um determinado evento de brincadeira, por apresentar maior nitidez, maior abrangência, número maior de brincantes enquadrados, melhor ideia de movimento da brincadeira, do local, do gênero das crianças, entre outros fatores.

Os eventos foram classificados a partir do tipo de brincadeira exercida, sendo considerados eventos diferentes os que envolviam brinquedos diferentes e, portanto, situações diferentes, assim como os que envolviam brincantes ou grupos de brincadeira distintos.

Brincadeiras encontradas de acordo com o local

Ao todo, foram registrados 21 eventos de brincadeira obtidos em espaços não formalizados para crianças. A Figura 1 mostra a distribuição dos tipos de brincadeiras encontradas em cada local, são elas: pipa, futebol, vôlei, gude, com areia, correr e de imitação. Já os locais foram classificados de acordo com suas características físicas como: rua, canteiro central de avenida, praça sem parquinho, passeio de rua, espaço amplo e rótula de trânsito.

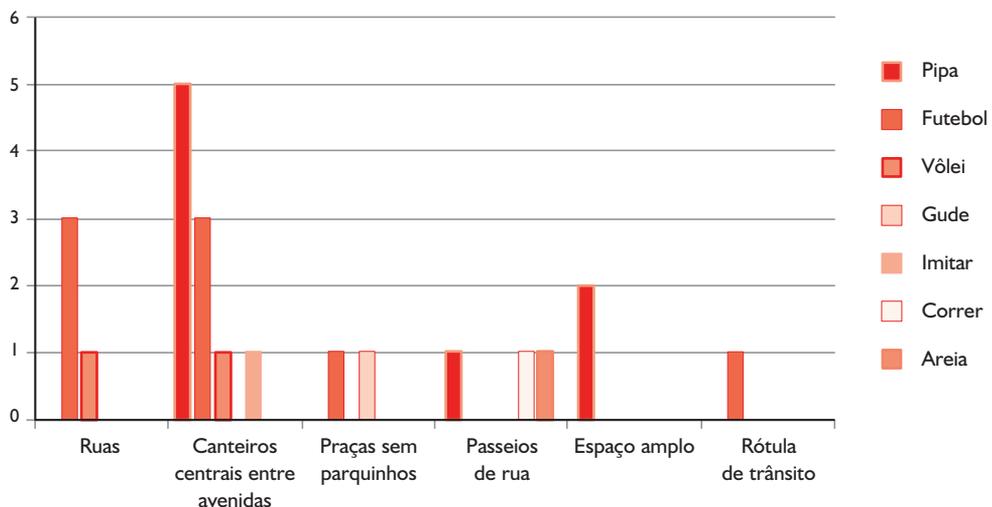


Figura 1. Eventos de tipos de brincadeiras encontrados conforme os tipos de locais informais de ocorrência

Os locais que abarcaram uma diversidade maior de brincadeiras foram os canteiros centrais entre avenidas. Esses locais, apesar de apresentarem características comuns, possuem idiosincrasias que serão analisadas posteriormente, juntamente com as brincadeiras.

Vale ressaltar que a cidade de Salvador é uma cidade desnivelada, com diversos morros e depressões. A maioria das grandes avenidas da cidade segue o fluxo dos rios de vale que se encontram nas bases dos morros e ligam a cidade de um lado a outro. Desse modo, os canteiros centrais de avenidas supramencionados se encontram à beira dos rios, quando estes se encontram a céu aberto, ou por cima deles, se estes são subterrâneos. São locais que apresentam riscos para as crianças por causa da proximidade desses canais, assim como de avenidas de grande fluxo. Esses espaços favorecem o surgimento de uma grande variedade de brincadeiras, no entanto não oferecem segurança para as crianças (OKE et al., 1999).

A brincadeira mais encontrada foi a com regras, constituindo aproximadamente 86% das identificadas nesses locais. Dentre estas, a mais frequente foi a de pipa, brincadeira que exige espaço amplo e bons ventos para que seja possível “guerrear no ar”. Segundo Carvalho e Pontes (2003), esse tipo de brincadeira tradicional tem caráter de universalidade e sazonalidade, o que está relacionado com a sensibilidade da criança para os ritmos e ciclos da natureza, assim como do próprio ambiente social.

Mesmo em ambientes mais restritos, ela foi encontrada, como no canteiro central da Avenida Vasco da Gama, mais estreito que os outros, com via expressa de ônibus sobre o rio e ladeado por duas pistas de grande fluxo. Os riscos relativos a esse local foram observados quando se registraram crianças sentadas no meio-fio do corredor de ônibus, entre a parte gramada do canteiro e os carros em movimento, enquanto empinavam pipa.

Já no canteiro central da Avenida Lucaia, o espaço é mais amplo e menos arriscado para empinar pipas, no entanto esse canteiro é cortado pelo Rio Lucaia e igualmente ladeado por duas avenidas de fluxo intenso. Os riscos observados nesse local podem ser exemplificados pelo registro do comportamento de uma criança, de aproximadamente 8 anos de idade, que invadiu a avenida para pegar o carretel, lata de linha da pipa, que havia caído no meio dos carros.

O local onde foi encontrada quantidade maior de empinadores de pipa foi a área adjacente ao aeroclube, conhecida por ser propícia para a ocorrência dessa brincadeira, já que é próxima ao mar e recebe bons ventos. Quanto ao critério da sazonalidade da brincadeira, segundo Pereira e Nunes (1986 apud CARVALHO; PONTES, 2003), os meses mais comuns para a ocorrência da pipa giram em torno dos meses mais ventosos de julho a setembro. No entanto, como observado em fases anteriores desta pesquisa, a sazonalidade não foi percebida, obtendo-se registros em todos os meses do ano (FIAES; BICHARA; MARQUES, 2006).

Em relação às ruas, estas foram demarcadas pelas brincadeiras de bola, como futebol e vôlei. A rua do fim de linha do Engenho Velho apresentou a peculiaridade de que os brincantes jogavam em meio aos carros em movimento, restringindo ou ampliando sua delimitação do espaço a partir da presença ou não de carros. Segundo Bichara (2006), toda brincadeira implica a delimitação explícita ou implícita de uma área. Os riscos observados denotam que esses espaços não são voltados às crianças, apesar de estas serem também usuárias dos espaços públicos (MEKIDECHE, 2004).

Em relação às praças sem parquinhos ou outros equipamentos e estruturas voltados para o mundo infantil, foram mais frequentes as brincadeiras de futebol e de gude. Ressalta-se que, na Praça Senhor do Bonfim, o evento da brincadeira de gude apresentou peculiaridades na sua forma de apropriação e ressignificação do espaço. Nesse local, a bolinha de gude foi brincada em cima do passeio da praça, constituído de pedras portuguesas desniveladas, espaço considerado não ideal para essa brincadeira. Ademais, houve a utilização de sucatas como tampinhas de garrafa PET em substituição à tradicional gude de bola de vidro.

A segunda brincadeira mais encontrada nesses locais foi a de futebol, presente em ruas, canteiros de avenidas, praças sem parquinhos e rótula de trânsito. Esse tipo de brincadeira e suas regras variaram conforme as características de cada um dos locais e da

quantidade e habilidade dos brincantes. Em uma rótula de trânsito, por exemplo, que é uma área pouco espaçosa para brincadeiras, foram observadas 3 crianças que adaptaram o jogo de futebol que resultou apenas em chutar a bola e correr atrás dela.

Ante a diferença entre os diversos tipos de brincadeiras encontrados nos espaços públicos informais, pode-se dizer que espaços físicos diferentes implicam brincadeiras diferentes, constituindo variável importante na definição de qual tipo de brincadeira é escolhida pelos brincantes e no direcionamento das atividades lúdicas infantis (MENEZHINI; CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003).

Interferência dos adultos na brincadeira

Em relação à interferência dos adultos nas brincadeiras infantis, vale ressaltar que, segundo Sutton-Smith (1994 apud LARSON; VERMA, 1999), no Ocidente há uma tendência histórica de domesticação das brincadeiras. Cada vez mais as crianças têm sido alvos de supervisão e controle demasiados por parte dos adultos, que sustentam o argumento de assim o fazerem a título de proteção. De acordo com Mekideche (2004), se o medo dos pais em relação aos seus filhos acelerou a exclusão das crianças de todo espaço público, foi relegado à criança, nos momentos de lazer, o confinamento em locais institucionalizados, sob a guarda de adultos.

Nos locais pesquisados, os adultos tiveram uma participação ativa nas brincadeiras, principalmente nas tradicionais como empinar pipa e jogar bola. Isso sugere que tais brincadeiras favorecem a interação de grupos compostos por brincantes de diferentes idades, grupos estes efetivos no processo de transmissão da cultura da brincadeira (PONTES; MAGALHÃES, 2003). Ademais, são atividades que, por envolverem ritualizações e atribuição de papéis, sugerem que haja algum conhecimento prévio entre os participantes.

Grupos de brincadeira

O grupo de brincadeira é uma microssociedade, espaço onde se constitui uma rede de relações capazes de atribuir papéis e de trocar conhecimentos, regras, procedimentos que são repassados e recriados pelas crianças (CARVALHO; PONTES, 2003; SILVA et al., 2006).

Segundo Pontes e Magalhães (2003), o tamanho do grupo e a faixa etária dos brincantes variam em razão da brincadeira ou do jogo. Em relação à faixa etária dos brincantes, houve uma grande variação de idades na maioria dos grupos de brincadeira registrados. Tais grupos eram formados tanto por crianças de diferentes idades quanto por adolescentes e adultos, dessa forma, a variação da faixa etária dos grupos de brincadeira foi de aproximadamente de 7 a 20 anos.

Dos 21 eventos de brincadeiras registrados, 20 apresentaram grupos compostos por brincantes de diferentes idades e, possivelmente, de habilidades distintas. Houve a presença de crianças observadoras em brincadeiras como futebol, gude e vôlei, como já era esperado, já que se trata de brincadeiras tradicionais, as mais apropriadas para entender o fenômeno da transmissão cultural (PONTES; MAGALHÃES, 2003).

Tais crianças geralmente são menos habilidosas, exercem tarefas periféricas nas brincadeiras como pegar a bola que saiu da área de delimitação da brincadeira, narrar o jogo, entre outras atividades. No entanto, essas crianças partilham do evento e fazem parte do grupo, sejam observadores ativos ou não, mesmo aquelas que somente comentam a brincadeira. A brincadeira de rua, portanto, é um evento social que tem a propriedade de ser um polo aglutinador de interações. Vale ressaltar que os sujeitos mais experientes organizam, distribuem papéis e apresentam uma postura mais ativa dentro do grupo. A possibilidade de aprender depende, portanto, das oportunidades proporcionadas pela criança mais habilidosa (PONTES; MAGALHÃES, 2003).

Outro fator que influencia o tipo e o local da ocorrência da brincadeira é a situação socioeconômica dos brincantes. Geralmente, as crianças que frequentam os canteiros entre avenidas, praças sem parquinho, entre outros locais informais na cidade, são moradoras das encostas, dos bairros periféricos e de morros próximos às avenidas de vale. Conforme Elsley (2004), as crianças pobres, por não terem muitos locais institucionalizados disponíveis, experimentam de forma diferente os espaços públicos da cidade quando comparadas com crianças de classe média. Assim, o seu engajamento com esses espaços é menos protegido e mais vulnerável.

Gênero dos brincantes

Quando se estudam brincadeiras, um aspecto fundamental refere-se a como meninos e meninas participam: se juntos em grupos de pares do mesmo sexo, se em grupos mistos, quais os tipos de brincadeiras preferidos etc. A Tabela 1 mostra, dentre os eventos observados, quais tipos de brincadeira ocorreram com participação segregada ou não e o gênero desses brincantes.

Tabela 1. Quantidade de eventos encontrados conforme a composição do grupo e o tipo de brincadeira

Categorias das brincadeiras	MM	FF	MF
Exercício físico	1	-	-
Contingência social	1	-	-
Construção	1	-	-
Turbulenta	-	-	-
Simbólica	-	-	-
Com regras	16	-	2
Total	19	-	2

MM = masculino; FF = feminino; MF = mistos.

Não houve nenhum registro de eventos com grupos constituídos apenas por meninas, o que comprova que a rua é um espaço de ocupação diferenciada por gênero. Esse achado corrobora outros estudos da literatura que constata diferenças tanto na participação de gênero na rua quanto na diversidade das culturas lúdicas, afirmando que há diferenças nas formas de ocupação do espaço e conseqüentemente nas relações que se estabelecem (SILVA et al., 2006).

Silva et al. (2006) constataram que a faixa etária de maior ocorrência de brincadeiras na rua entre os meninos é de 7 aos 12 anos, enquanto no caso das meninas é por volta de 4 anos. Sugere-se que, com o aumento da idade, as meninas se voltem mais para as tarefas domésticas e também são mais coibidas por seus pais que consideram as ruas mais perigosas para elas. No entanto, os dados encontrados não corroboraram essa hipótese, já que os únicos dois eventos de brincadeiras de grupo misto tiveram a participação de meninas com a faixa etária entre 11 e 16 anos. Essa diferença pode ser devida às características dos ambientes pesquisados. Em Belém, verificou-se que crianças menores de um bairro periférico brincam em ruas bem próximas às suas casas. Já em Salvador, constatou-se que crianças pequenas brincam em grandes avenidas, ruas movimentadas, praças etc., ou seja, lugares onde elas não costumam circular.

É importante, contudo, frisar que a menor presença de meninas que meninos nesses locais era esperada, tanto pelos argumentos levantados por Silva et al. (2006) quanto pela constatação amplamente feita que meninas preferem brincar em ambientes internos e delimitados (AYDT; CORSARO, 2003; MACCOBY, 1989; MARTIN; FABES, 2001).

Considerações finais

As variadas formas com que a criança se apropria dos diferentes espaços públicos indicam que as características de cada local podem influenciar na escolha das brincadeiras, mas que não são as únicas variáveis que interagem com o fenômeno do brincar. O gênero, a idade, a classe socioeconômica, todas essas variáveis atuam no direcionamento da escolha das brincadeiras.

Com base nos resultados, constatou-se que os espaços informais apresentam ocupação sexualmente diferenciada, grupos de brincadeira de diferentes faixas etárias e participação ativa dos adultos. Esses locais apresentam diversos riscos, mas nem por isso deixam de ser utilizados pelas crianças para as brincadeiras. Vale lembrar que tradicionalmente, em países como o Brasil, a Índia, Argel, entre outros, a rua foi local de socialização e aprendizagem, perdendo esse *status* por causa das características que o desenvolvimento urbano tomou a partir da segunda metade do século XX.

Nesse sentido, como ainda existem poucos estudos na área, é fundamental, pela riqueza do tema e em razão da importância da reinserção da criança nesse espaço do qual ela foi excluída, que haja novas pesquisas em relação ao fenômeno do brincar nos espaços públicos, principalmente naqueles não formalmente destinados às crianças. Esses futuros estudos devem utilizar recursos metodológicos capazes de captar toda a riqueza que o fenômeno contém. Dessa forma, os conhecimentos sobre o uso do espaço pelas crianças podem fornecer elementos que auxiliem no planejamento urbano, principal-

mente no que se refere à disponibilização de áreas para que as crianças possam exercer seus direitos relacionados ao pleno desenvolvimento e à conquista de cidadania.

O presente estudo, apesar dos limites próprios a um estudo exploratório, buscou contribuir com a nova tendência da psicologia do desenvolvimento que – ao contrário do viés tradicional – não desvincula a criança do seu contexto sociocultural, considerando-a ativa na sociedade e na cultura (CARVALHO; PONTES, 2003).

Referências

AYDT, H.; CORSARO, W. A. Differences in children's construction of gender across culture. **American Behavioral Scientist**, v. 46, n. 10, p. 1306-1325, 2003.

BICHARA, I. D. Delimitação do espaço como regra básica em jogos e brincadeiras de rua. In: BOMTEMPO, E.; ANTUNHA, E. G.; OLIVEIRA, V. B. de (Org.). **Brincando: na escola, no hospital e na rua**. Rio de Janeiro: WAC, 2006. p. 161-172.

BICHARA, I. D. et al. Brincadeiras em contexto urbano; um estudo em dois logradouros em Salvador (BA). **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 26, p. 39-52, 2006.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. Brincadeira é cultura. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. v. 1, p. 15-30.

ELLIS, J. Researching children's place and space. **Journal of Curriculum Theorizing**, v. 20, n. 1, p. 83-99, 2004.

ELSLEY, S. Children's experience of Public Space. **Children & Society**, v. 1, p. 155-164, 2004.

FIAES, C. S.; BICHARA, I. D.; MARQUES, R. L. Usos, adaptações e apropriações de espaços públicos por crianças em brincadeiras na cidade de Salvador (BA). In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 36., 2006, Salvador. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2006.

LARSON, R. W.; VERMA, S. How children and adolescents spend time across the world: work, play and development. **Psychological Bulletin**, v. 125, n. 6, p. 701-736, 1999.

LEE-MANOEL, C. L. et al. O que é bom (e eu gosto) é bonito: efeitos da familiaridade na percepção de atratividade física em pré-escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 2, p. 271-282, 2002.

LORDELO, E. R. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. Apresentação. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora da UFBA, 2002. p. 5-18.

LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora da UFBA, 2002.

MACCOBY, E. E. Gender and relationships: a developmental account. **American Psychologist**, v. 45, n. 4, p. 513-520, 1989.

- MARTIN, C.; FABES, R. The stability and consequences of young children's same-sex peer interactions. **Developmental Psychology**, v. 37, n. 3, p. 431-446, 2001.
- MEKIDECHE, T. Espaços para crianças na cidade de Argel: um estudo comparativo da apropriação lúdica dos espaços públicos. In: TASSARA, E. T. O.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ, 2004. p.143-167.
- MENEGHINI, R.; CAMPOS-DE-CARVALHO, M. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 367-378, 2003.
- MORAIS, M. L. S. E.; OTTA, E. Entre a serra e o mar. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. v. 1, p. 127-156.
- OKE, M. et al. A profile of children's play and urban India. **Childhood**, v. 6, n. 2, p. 207-219, 1999.
- PARKER, S. T. Playing for keeps: an evolutionary perspective on human games. In.: SMITH, P. K. (Org.). **Play in animals and humans**, p. 271-293. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1984.
- PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PONTES, F. A. R.; MAGALHÃES, C. M. C. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.
- RASMUSSEN, K. Places for children – Children's places. **Childhood**, v. 11, n. 2, p. 155-173, 2004.
- SILVA, L. I. C. et al. Diferenças de gênero nos grupos de brincadeiras na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2006.

Contato

Ilka Dias Bichara
Rua Ladeira do Acupe, 856, ap. 704
Brotas – Salvador – BA
CEP 40290-160
e-mail: ilkadb@ufba.br

Tramitação

Recebido em setembro de 2008
Aceito em fevereiro de 2009